



VI Congresso Brasil de
PEDAGOGIA WALDORF

O EU COMO SER DIALÓGICO:
manifestações na cultura brasileira

Juiz de Fora MG | Julho 2023

**Citações diretas e referências bibliográficas das palestras no VI Congresso Brasil de
Pedagogia Waldorf – Constanza Kaliks**
(Disponível a participantes do congresso)

Rudolf Steiner. *Fundamentos da Arte de Educar*. São Paulo: FEWB, 2015.
Curso dado em Oxford em agosto de 1922.

Todos vocês sabem que há pessoas que examinam certas coisas com o microscópio. Elas veem coisas maravilhosas no microscópio; mas há outras pessoas que ainda não sabem como olhar através do microscópio; elas olham para ele, mesmo que o endireitem, não veem nada. Primeiro é preciso aprender a ver manuseando o instrumento pelo qual se vê. Então, quando se aprende a ver através do microscópio, também se vê a coisa correspondente. Não se vê nada em um ser humano se não se aprendeu a ajustar corretamente os olhos espirituais, os olhos da alma, de acordo com o que corresponde ao pensamento, de acordo com o que corresponde ao sentimento, de acordo com o que corresponde à vontade. A orientação dos olhos é o que deve ser feito dessa maneira entre os professores da Escola Waldorf. Pois, primeiro, os professores devem saber como é com as crianças, depois podem desenvolver a atitude correta e, a partir da atitude correta, pode surgir o que é o ensino correto. (Rudolf Steiner. *Die geistig-seelischen Grundkräfte der Erziehungskunst. Spirituelle Werte in Erziehung und sozialem Leben*. GA 305. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1991, 3. ed., p. 55. Terceira palestra do curso, 18 de agosto de 1922, tradução própria.)

Rudolf Steiner. *A Prática Pedagógica*. São Paulo: FEWB/Antroposófica, 2013.
Oito palestras, proferidas em Dornach, de 15 a 22 de abril de 1923.

Na Escola Waldorf, ensinamos dois idiomas não alemães às crianças mais novas desde o momento em que entram na escola primária. Ensinamos francês e inglês às crianças de acordo com o método que consideramos ser o correto e da maneira como as coisas podem ser feitas. Mas o principal é que essas coisas não apenas ampliam o círculo externo de visão, mas que a riqueza da vida interior, a vida da alma em particular, é substancialmente promovida por essas aulas de idiomas. (Rudolf Steiner. *Die pädagogische Praxis vom Gesichtspunkte geisteswissenschaftlicher*

Menschenkenntnis. GA 306. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1989, 4. ed., p. 169. 8ª palestra).

Rudolf Steiner. *Geisteswissenschaftliche Behandlung sozialer und pädagogischer Fragen*. GA 192. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1991, 2. ed. („Questões sociais e questões pedagógicas do ponto de vista da ciência espiritual”).

Dezessete palestras proferidas em Stuttgart entre 21 de abril de 1919 e 28 de setembro de 1919.

Mas, para isso, também é muito necessário que ascendamos, precisamente para cruzar de maneira correta o limiar que descrevi, que passemos de uma mera necessidade de abstração, uma mera necessidade de pensamento, para uma realidade. De uma mera cognição abstrata para uma experiência dos fatos. Para um pensamento em nós, não em mero pensamento, mas para um pensamento que mergulha nas coisas e pensa com as coisas e os eventos do mundo. (Rudolf Steiner. *Geisteswissenschaftliche Behandlung sozialer und pädagogischer Fragen*. GA 192. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1991, 2. ed., p. 72, terceira palestra, 1 de maio de 1919).

Rudolf Steiner. *O desenvolvimento saudável do ser humano*. São Paulo: FEWB/Antroposófica, 2008. (Rudolf Steiner. *Die gesunde Entwicklung des Menschenwesens. Eine Einführung in die anthroposophische Pädagogik und Didaktik*. GA 303. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1987, 4. ed.).

Curso de 16 palestras e três sessões de respostas a perguntas, ministrado em Dornach, de 23 de dezembro de 1921 até 7 de janeiro de 1922, chamado de “curso de Natal para professores”.

Rudolf Steiner. *O Estudo Geral do Homem – Uma base para a pedagogia Waldorf. (A arte da Educação I)*. GA 293. São Paulo: Antroposófica, 2002, 7. ed.

Particularmente a quarta palestra.

Rudolf Steiner. Segunda meditação do professor. In: Rudolf Steiner. *Pelo Aprofundamento da Pedagogia Waldorf*. São Paulo: Comissionado junto à Editora Verlag am Goetheanum, 2005, p. 97.

Paulo Freire:

[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como “não eu”, se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que

rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade.

[...] Como presença consciente no mundo, não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo, e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isso não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres *condicionados* mas não *determinados*. (Paulo Freire. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019, 57. ed., p. 20)

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. (Paulo Freire. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019, 57. ed., p. 30).

É preciso, porém, que tenhamos na *resistência* que nos preserva vivos, na *compreensão do futuro como problema* e na vocação para o *Ser mais* como expressão da natureza humana em processo de *estar sendo*, fundamentos para a nossa *rebeldia* e não para a nossa *resignação* em face das ofensas que nos destroem o ser. (Paulo Freire. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019, 57. ed., p. 76).

Hartmut Rosa:

A religião dá um sentido para o fato de que entre aquilo que, das lonjuras, abarca o mundo, ou a realidade abrangente, o cosmo, e nosso mais íntimo, nosso destino, há uma relação permanente – uma relação de ressonância. (Hartmut Rosa. *Demokratie braucht Religion*. München: Kösel, 2023. 6. ed., p. 71, tradução própria).

Édouard Glissant:

Precisamos nos aproximar do pensamento indiciário [de indícios], do pensamento sem sistema, que não é dominador, nem sistemático, nem inoperativo, mas talvez um pensamento não sistemático, intuitivo, delicado, ambivalente, que melhor faz justiça à extraordinária complexidade e à extraordinária diversidade do mundo em que vivemos. (Édouard Glissant. *Kultus und Identität. Ansätze einer Poetik der Vielheit*. Heidelberg: Wunderhorn, 2013, 2. ed., p. 21, tradução própria).

*Este livro está traduzido ao português: Édouard Glissant. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

Hannah Arendt:

Sou redimido da ambivalência e da ambiguidade da solidão por meio do encontro com outras pessoas que confirmam minha identidade reconhecendo-me, dirigindo-se a mim e contando comigo como esse Um, inconfundível e inequívoco. Apenas ligado em seu contexto e conectado a elas, estou realmente no mundo como Um e recebo, de todos os outros, a minha parte do mundo. (Hannah Arendt. *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft. Antisemitismus, Imperialismus, totale Herrschaft*. München: Piper, 2011, 14. ed., p. 977, tradução própria).

* Este livro está traduzido ao português: Hannah Arendt. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia de bolso, 2013.

Hannah Arendt. *A condição humana*. São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, 10. ed. Capítulo 33: A irreversibilidade e o poder de perdoar (Pp. 248-255). Capítulo 34: A imprevisibilidade e o poder de prometer (Pp. 255-259).

Franz Rosenzweig:

No lugar do método do pensar, que foi estabelecido por toda a filosofia anterior, entra o método do falar. [...] O falar está ligado ao tempo, se nutre do tempo, não quer nem pode abandonar seu solo nutritivo; não sabe por antecipação a quem se dirige; deixa que o outro lhe dê suas palavras-chave. Vive, sobretudo, da vida do outro, seja ele o ouvinte da narrativa, o interlocutor da conversação ou o participante do coro [...]. No verdadeiro diálogo acontece algo; eu não sei de antemão o que o outro vai me dizer, por que eu mesmo ainda nem sei o que eu vou dizer; talvez nem mesmo sei que vou dizer algo; poderia ser que o outro começa, no autêntico diálogo geralmente vai ser assim [...]. Precisar de tempo quer dizer: não antecipar nada, ter que esperar, depender do outro para o mais próprio[...]; a diferença entre o pensamento antigo e o novo, o pensamento lógico e o gramatical, não está no fato de um ser silencioso e o outro ser sonoro, mas na necessidade do outro e, o que é o mesmo, em levar o tempo a sério [...]; falar, entretanto, significa falar para alguém e pensar para alguém, e esse alguém é sempre um alguém determinado e não tem apenas ouvidos, como o público em geral, mas também uma boca. (Franz Rosenzweig. *Zweistromland*. Springer, 1984, pp. 151-152, tradução própria).

Martin Buber:

O fato fundamental da existência humana não é nem o indivíduo como tal nem o coletivo como tal. Ambos, considerados em si mesmos, não são mais do que formidáveis abstrações. O indivíduo é um fato de existência na medida em que ele entra em relações vivas com outros indivíduos; a coletividade é um fato de existência na medida em que ela é construída a partir de unidades vivas de relação. O fato fundamental da existência humana é o ser humano com o ser humano. O que torna o mundo humano único é, acima de tudo, que algo acontece nele entre ser e ser que não encontra paralelo em nenhum outro lugar da natureza. (Martin Buber. *¿Qué es el hombre?* México: Fondo de Cultura Económica, 1964, pp. 146-147, tradução própria).

Confiança, confiança no mundo, porque essa pessoa existe - esse é o trabalho central da relação educacional. Porque este ser humano existe, a falta de sentido, por mais que ela nos oprima, não pode ser a verdadeira verdade. Porque esta pessoa existe, certamente há luz na escuridão, salvação no terror e, em meio ao entorpecimento daqueles que vivem conosco, o grande amor oculto. (Martin Buber. *Werkausgabe. Schriften zu Jugend, Erziehung und Bildung* (J. Jacobi, Hg.). Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2005, p. 150, tradução própria).

Gustav Landauer, no Manifesto do Grupo “Comunidade” da União Socialista em Berlin para um encontro em prol da fundação de escolas livres com base comunitária, em janeiro de 1910:

Ele [o grupo] quer dar aos professores, bem como aos alunos, a verdadeira alegria de ensinar; quer tirar do relacionamento do professor com o aluno o terrível caráter de autoridade e obediência; parece saber que nos bons tempos da cultura europeia a Universitas não significava uma coleção desorganizada de disciplinas mortas, mas a comunidade, a associação de alunos e professores, a cooperação. Assim, ela não quer entender o ensino como um aprendizado teórico monótono de coisas desinteressantes, mas como uma resposta aos interesses da criança [...]. Esse movimento quer trazer o aprendizado e a vida, o aprendizado e a brincadeira, o aprendizado e a atividade, o aprendizado e a criação de fatos valiosos à sua conexão natural; [...] ele não visa, afinal, colocar algo no aluno, mas trazer dele o que é seu, aumentá-lo e, assim, fazer com que o mundo se torne pessoal, o pessoal se torne apto de mundo e abarcador de mundo. (Gustav Landauer, in: Tilman Leder. *Die Politik eines Antipolitikers. Eine politische Biografie Gustav Landauers*. Hesse: Edition AV, 2014, p. 518, tradução própria).

Hans Jonas. *O Princípio Responsabilidade*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2007.

Josep Maria Esquirol. *A resistência íntima. Ensaio de uma filosofia da proximidade*. Lisboa: Edições 70, 2020.

Manifesto ao final do Congresso Pedagógico em Oxford, em agosto de 1922:

UNIÃO EDUCACIONAL PARA A REALIZAÇÃO DE VALORES ESPIRITUAIS.

Declaração e resolução adotadas por unanimidade no encerramento da Conferência sobre Valores Espirituais na Educação e na Vida Social, realizada nas Faculdades Manchester e Keble, Oxford. Agosto de 1922.

No encerramento desta Conferência sobre Valores Espirituais na Educação e na Vida Social, registramos nossa profunda gratidão por tudo o que recebemos

durante a Conferência. Todo o seu desenrolar deu testemunho da existência, em nossa época, de uma busca e de um esforço generalizados pela base espiritual da vida humana. Esse esforço foi expresso na Conferência por homens e mulheres de perspectivas e experiências muito diferentes e, não menos importante, por aqueles que, com conhecimento de primeira mão dos terríveis perigos dos conflitos de classe e nacionais em nossa época, estão trabalhando ativamente para o entendimento político e econômico. Assim, a necessidade de um cultivo prático dos valores espirituais foi trazida para nós com mais insistência.

Estamos convictos de que a mola mestra da vida social e da saúde está na natureza espiritual do ser humano. Nossa civilização complexa e difícil exige um influxo mais pleno e mais livre dos impulsos espirituais básicos. Esse influxo só pode ocorrer por meio dos seres humanos individuais que nascem no mundo e desenvolvem suas faculdades dentro dele. A educação, no sentido mais amplo do mundo, deve abrir o caminho. A verdadeira educação, portanto, seja da criança, do adolescente ou do adulto, pressupõe a mais profunda reverência e respeito pela liberdade do espírito humano em cada indivíduo.

Os professores de todas as épocas têm em suas mãos essa geração emergente que realizará, não o que a geração mais velha predeterminou para eles, mas o que brota do novo impulso do espírito humano em transformação. Eles devem estar totalmente em contato com o mundo, ser autônomos em sua profissão, responsáveis perante a consciência da humanidade, trabalhando com seu próprio espírito livre para preparar o caminho para o desenvolvimento do espírito de seus alunos.

As palestras do Dr. Rudolf Steiner, pelas quais expressamos nossa especial gratidão, nos trouxeram de forma vívida o ideal educacional humano. Ele nos falou de professores que trabalham livre e cooperativamente, sem restrições e regulamentações externas, desenvolvendo seu método educacional simples e unicamente a partir de suas percepções da natureza humana. Ele nos falou sobre o tipo de conhecimento de que o professor precisa - um conhecimento do ser humano e do mundo, não apenas científico, mas íntimo, intuitivo e artístico. Portanto, sentimos que deve sair desta Conferência o impulso para formar uma associação mundial para a fundação e o apoio de escolas nas quais os professores trabalharão livremente e de forma cooperativa na base que foi indicada. (Documento disponível em: Rudolf Steiner Archiv, Dornach, RSA 078/3. Tradução própria).

Na página web da Seção Pedagógica e da Seção Geral de Antroposofia tem áudios disponíveis em alemão e em inglês sobre palestras pedagógicas de Rudolf Steiner, sobre pedagogos inovadores do século XX, sobre Martin Buber, Gustav Landauer, Hans Jonas, Hannah Arendt, entre outros. Para ouvir os áudios (sem custo, com base em eventuais doações espontâneas) basta acessar os links:

<https://www.goetheanum-paedagogik.ch/en/publications/mediathek>

<https://www.goetheanum-paedagogik.ch/publikationen/mediathek>

<https://allgemeine-sektion.goetheanum.ch/en/recordings>

<https://allgemeine-sektion.goetheanum.ch/de/recordings>

Para acompanhar as atividades da Seção Pedagógica (em espanhol, inglês, alemão, francês) e da Seção Antroposófica Geral (em inglês e alemão) basta acessar:

<https://www.goetheanum-paedagogik.ch/es/>

<https://allgemeine-sektion.goetheanum.ch/en/newsletter>

Um abraço grande,
Constanza